ordem desunida

sérgio sister

galeria nara roesler

sem título/**untitled**, 2015 --óleo sobre tela/oil on canvas --170 x 213 cm

sérgio sister

desigual e combinado

tiago mesquita

Sérgio Sister é um artista do campo de cor. Sua pintura molda espaços abstratos associando camadas de tinta e pinceladas sobre um plano. O artista faz com que uma combinação de cores próximas, se torne heterogênea e variada. Assim, um plano monocromático – como muitos desta exposição – pode mostrar inúmeras variações. Não lhe interessa a percepção imediata da diferença entre as coisas. O contraste acontece entre elementos similares. Ele aparece de maneira meditativa. Nos faz ver o que era monótono como variegado. Isso é conquistado de maneira sutil. Sister pinta passagens delicadas de matiz e luz. Dificilmente, o artista usa contrastes violentos, cores puras, tal como elas saem do tubo. As cores parecem se transformar, ganhar diferenciações luminosas. Ele usa a cera para reforçar uma feição heterogênea a um colorido pouco variado. Misturada à tinta, ela evidencia as marcas de pincelada, torna o material da pintura mais sólido e opaco. Muitas vezes a cor também vem misturada com pigmentos metálicos. Eles trazem uma aparência levemente bruxuleante ao plano, enfatizando as diversas direções por onde o pincel se moveu. Assim, em Ordem desunida, mesmo cores ordinárias, alaranjados comuns, amarelos vibrantes, ganham a complexidade de cores que não têm nome.

Nesses quase monocromos da exposição recente, as pinceladas vão em diferentes sentidos, muitas vezes divergentes. Tomamos a superfície tanto como um plano de cor contínuo, como um acúmulo de pequenos fenômenos óticos desarticulados. Ela é as duas coisas. Uma cor contínua a se esgarçar e uma infinidade de elementos a se reunir de maneira mais ou menos atribulada.

vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015

Embora a cor mantenha a unidade, o plano ganha complexidade – podia ser um mosaico, com cacos a buscar alguma unidade. Diferentemente, no entanto, aqui vemos menos uma imagem sintética e mais as fraturas.
Fazia tempo que as pinturas não tinham um papel tão importante em uma exposição de Sérgio Sister quanto em Ordem desunida. Ultimamente, parte de seu empenho se voltou a criação de trabalhos tridimensionais e relevos que levam as questões de sua pintura para o espaço comum.
Daí surgiram séries como Ripas, Traves, Pontaletes, Caixas e Tijolos. Muito diferentes entre si, esses trabalhos com aparência de objeto estão presentes na exposição, mas a novidade agora parece estar na pintura. As novidades são realçadas pelo fato de que esses trabalhos são mostrados lado a lado com os objetos. Vemos relações de colorido afins e, sobretudo, uma interlocução menos frontal com o objeto. O que acontece nas laterais das pinturas é tão importante quanto no tridimensional.
No entanto, o que mais salta aos olhos é o uso que essas pinturas fazem dos intervalos. Isso foi aprendido com as esculturas e objetos. Nas ripas e caixas, a junção de uma tábua e outra é interrompida por uma fissura, por uma fratura, por um intervalo. Alguma coisa parece acontecer entre um pedaço e outro de cor que torna a relação entre esses elementos mais indeterminado.
Nesta exposição, o artista traz três grupos novos de pintura. São séries de trabalhos que repetem alguns procedimentos. Há quadros pequenos e quase monocromáticos, grandes dípticos com duas cores dominantes e telas delgadas e miúdas cobertas por magras ripas verticais. Embora sejam muito diferentes uns dos outros, em todos eles essa ideia de intervalo, vinda do trabalho tridimensional é importante.
Nunca a superfície é totalmente preenchida pelo elemento principal da pintura. Nas pequenas telas quase monocromáticas, a camada dominante de tinta não cobre toda a extensão da tela. Vemos outras camadas, outras formas de pintura atuarem por detrás do primeiro plano. Nas telas com ripas, o que deveria cobrir a superfície, também deixa intervalos, nos fazendo ver outras formas de pintura. O número de elementos cresce e uma ordenação que poderia ser atribuída ao quadro ganha complexidade.
Nos dípticos, essa relação é mais evidente. São duas telas grandes cobertas quase que inteiramente por uma cor. Por exemplo, em um deles, uma tela predominantemente verde é colocada a três centímetros de outra quase toda prateada. O campo de cor de cada uma é construído com pinceladas gestuais, repetitivas e ritmadas. Em cada tela, as marcas do pincel se mostram muito diferentes. As cores são muito diferentes. Algumas são elaboradas, feitas com combinações originais de pigmentos, outras são vulgares, cores, ainda que alteradas, aparentadas com a paleta vulgar da indústria e da produção mais kitsch.
Por debaixo da tinta que domina a superfície, aparece a cor que está na tela vizinha. Como se uma cor tivesse ido de um lado a outro. Uma cor poderia estar a se expandir enquanto a outra estivesse a se contrair, o oposto também poderia estar a acontecer, bem como ambas estarem em retração, perdendo o vigor. Na verdade, pouco importa. O importante aqui é que a dinâmica da pintura de Sister, que já era detalhista, por exemplo, nos seus monocromos dos anos oitenta e noventa, ganha outras novas variáveis. Assim, vemos cores nas laterais que não são nem a que domina o monocromo da direita e da esquerda. A visão dos limites das cores, do que aparece encoberto, é tão importante como o modo como a cor se comporta na superfície.
As obras parecem articular acontecimentos interrompidos, cindidos, articulados de uma maneira complexa. A pintura forma uma unidade de fenômenos desarticulados, tal vemos em Degas e Seurat. Assim, a mancha lilás que aparece apenas na lateral da tela, parece tão importante quanto o esverdeado que cobre a extensão da superfície. Tudo parece ter peso nessa pintura.
De maneira brilhante, Sérgio Sister sugere uma relação menos hostil com o olhar. Nada é identificável de primeira. As relações se mostram mais complicadas. O artista procura uma forma de materiais delicados conviverem de maneira civil apesar de divergências insuperáveis. Faz isso sem apaziguá-los, sem homogeneizá-los. No clima de aspereza e pouca racionalidade da sociedade no Brasil e no mundo isso talvez seja tudo o que precise ser demandado.

vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015

vista da exposição/exhibition view -- **galeria nara roesler**, 2015

telas com tiras, 2015 -- óleo e tinta vinílica sobre madeira e sobre tela/oil and vynilic paint on wood and canvas -- 30 x 20 cm

fio terra,2015 -- óleo sobre tela/oil on canvas -- 170 x 213 cm

sérgio sister

desigual e combinado

Tiago Mesquita

Sérgio Sister is an artist from the field of color. His painting shapes abstract spaces by associating layers of paint and brushstrokes on a plane. The artist renders a combination of similar colors heterogeneous and varied. Thus, a monochromatic plane – like many in this show – can display numerous variations.
He is not interested in the immediate perception of the difference between things. The contrast takes place between similar elements. It appears in a meditative way. It makes us see what was monotone as variegated. This is achieved in a subtle way. Sister paints delicate passages of hue and light.
Seldom does the artist use stark contrasts, or pure colors straight out of the tube. The colors seem to transform, to take on luminous differentiations.
He uses wax to lend heterogeneous features to a scarcely varied color palette. Mixed with the paint, it evinces the brushstroke marks, rendering the painting's material more solid and opaque. Oftentimes, the color also comes mixed with metallic pigments. They give the plane a slightly flickering appearance, emphasizing the different directions that the brush moved in. Thus, in Ordem desunida (Disunited order), even the ordinary colors, the regular oranges, the vibrant yellows take on the complexity of colors that have no name.
In these near-monochromes from the recent show, brushstrokes move in different, oft-divergent directions. We take the surface both as a plane of continuous colors and as an accumulation of small, disarticulate optical phenomena. It is both things. One continuous color that frays out and myriad elements coming together in a more or less troubled way. Although the color maintains unity, the plane grows in complexity – it could be a mosaic, with shards looking for some degree of unity. This is not so, however, for here we see less of a synthetic image and more of the fractures.
It had been a long time since paintings had played such an important role in a Sérgio Sister exhibit as they do in Ordem desunida. Lately, some of his efforts turned to creating 3D works and reliefs that carry the questions from his painting into regular space.
These efforts bred series like Ripas, Traves, Pontaletes, Caixas and Tijolos. Very dissimilar among themselves, these object-like pieces are featured

in the show, but this time the paintings seem to be what's new. Their new features are emphasized by the fact that these works are shown side by side with the objects. We see similar color relationships, and above all a less frontal interlocution with the object. What happens on the sides of the paintings is as important as in the 3D pieces.
However, what catches the eye the most is the use these paintings make of intervals. This was learned with the sculptures and objects. In the ripas (wooden slats) and caixas (boxes), the junction of one plank with another is interrupted by a fissure, a fracture, an interval. Something appears to take place between one stretch of color and the other that renders the relationship between these elements more indeterminate.
In this show, the artist presents three new groups of paintings. They are series of pieces where a handful of procedures repeat themselves. There are small, near-monochrome pictures, large diptychs with two dominant colors, and thin, tiny pictures covered with narrow vertical wooden slats. Although they are very different from each other, this idea of interval, taken from the 3D work, is important in all of them.
The surface is never completely covered by the primary element in the painting. In the small, near-monochrome pictures, the dominant layer of paint does not run the whole length of the canvas. We see other layers, other forms of painting working behind the foreground. In the pictures with wooden slats, what was supposed to cover the surface also leaves gaps, allowing us a glimpse of other forms of painting. The number of elements grows and the order that might have been attributed to the picture grows more complex.
In the diptychs, this relationship is even more evident. They are two large canvases almost entirely covered with one color. In one of them, for example, a predominantly green canvas is placed three centimeters away from an almost completely silver-colored one. The field of each color is built through gestural, repetitive, rhythmic brushstrokes.

The brushstroke marks are very different in each of the pictures. The colors are very different. Some are elaborate, created through original pigment combinations, while others are vulgar, with colors which, despite having been altered, are associated with the vulgar palette of industry and the kitsch side of art production.
Underneath the paint that dominates the surface, the color from the neighboring picture appears. As if one color had gone from one side to the other. One color might be expanding while the other contracts, and the opposite could also be true, or both could be receding, losing their vigor. In fact, it doesn't really matter. What's important here is that the dynamics of Sister's paintings, which were already detail-rich, for instance, since his monochromes from the eighties and nineties, have incorporated new variables. Thus, we see colors on the edges that aren't the dominant color from the monochrome on the right or on the left. The sight of the boundaries of colors, of what shows underneath, is as important as the way the color behaves upon the surface. The artworks seem to articulate events that were interrupted, split up, articulated in a complex way. The painting forms a unit of disarticulate phenomena, just like in Degas and Seurat. Thus, the lilac smudge that appears on the edge of the canvas seems as important as the greenish tone that runs the length of the surface. Everything seems to have weight in this painting.
In a brilliant way, Sérgio Sister suggests a less hostile relationship with the gaze. Nothing is identifiable at once. Relationships prove more complicated. The artist looks for a way for delicate materials to coexist in a civil manner, despite irreconcilable differences. He does so without pacifying them, without homogenizing them. Considering the harsh social climate in Brazil and the world, where rationality is lacking, maybe this is all that's needed.

tijolinho vertical, 2014 -- óleo sobre tela sobre tubo de alumínio e parafuso/oil on canvas on aluminum tube and screw -- 99,5 x 6,5 cm

ordem desunida

sérgio sister

(capa/cover) vista da exposição/exhibition view-- **galeria nara roesler**, 2015

texto/text
tiago mesquita

tradutor/english version
gabriel blum

realização/produced by
galeria nara roesler

galeria nara roesler
são paulo
av europa 655
jardim europa 01449-001

abertura/opening
06.10.2015
18 > 21h

exposição/exhibition
07.10 > 06.12.2015
seg/mon>sex/fri 10 > 19h
sáb/sat 11 > 15h

galeria nara roesler

são paulo
rio de janeiro
info@nararoesler.com.br
www.nararoesler.com.br